Ano IX — Lisboa, Abril de 1953 — N.º 96

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

COMP. E IMP: OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

O AMOR

Luz que iluminará o Mundo

Vós sois a luz do mundo. Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.

JESUS CRISTO



Novamente se comemora este mês o Dia do Escoteiro. Milhares — milhões mesmo — de rapazes e raparigas, em muitos cantos da Terra, irão meditar nos conceitos interessantes da formosa lenda de S. Jorge, ratificando solenemente os votos de empregar o melhor esforço no ardoroso combate ao Dragão do Mal que, segundo o aviso do apóstolo S. Pedro, «anda em nosso derredor, bradando como leão, buscando a quem possa tragar». Jovens que, unidos pelos laços da fraternidade escoteira, saltam por cima das barreiras raciais, de opinião ou de classe, permutam votos de boa vontade e afirmam a sua fé no Deus de Amor que inspira as suas vidas e dá sentido aos nobres ideais escoteiros.

É admirável este movimento. Como numa época de malquerenças, de desentendimentos, de barreiras e cortinas, jovens, congraçados pelos mesmos sentimentos, olhando confiadamente o futuro, sem abdicarem das suas próprias crenças ou características, podem dar as mãos num acto de amizade, batalhando corajosamente por uma humanidade melhor, no sábio caminho que o Fundador lhes traçou, exortando-os a deixar este mundo melhor do que o encontraram.

Foi verdadeiramente inspirada a visão de B.-P. ao erguer o monumento glorioso do Escotismo. Ele teve a felicidade de observar e compreender a juventude, auscultar os seus anseios, compreender as suas necessidades, e pôde, então, conceber um movimento que, satisfazendo o desejo de recreio e prazer da gente nova, apela ao seu idealismo e o orienta no sentido das maiores aspirações humanas.

O Fundador conseguiu traduzir para a mocidade os conceitos cristãos do amor, aquele amor que é essencialmente activo e se oferece em gestos generosos de bem-fazer, sempre com o pensamento no próximo e cuidando só dos interesses próprios na medida em que estes podem ser úteis ao bem-estar geral.

Nós ainda não compreendemos a força espiritual que pode representar, num mundo desagregado, esta plêiade tão numerosa de jovens animados de tão altos propósitos. Somos uma força se nos não colocarmos em mera atitude platónica perante a beleza do nosso Ideal, mas pusermos em acção os nossos sentimentos, contagiando os corações juvenis com esse amor «que nunca falha, que tudo sofre, tudo crê, tudo espera; do amor que não folga com a injustiça, mas folga com a verdade». E se animarmos este amor com a fé que derruba montanhas, poderemos verdadeiramente rasgar todas as cortinas da desconfiança humana, derrubar as barreiras dos interesses vis e inconfessados, arrasar as trincheiras do ódio e do rancor.

Nesta hora atribulada da história, o mundo carece do espírito escoteiro ou, melhor, carece do espírito cristão que o escotismo proclama. O maior perigo que a humanidade atravessa não é tanto de cair no fervilhar tenebroso das paixões, como de perder a capacidade de amar.

(Conclui na 2.ª página)

V "ROVER-MOOT" MUNDIAL

Conforme é já do conhecimento dos nossos caros leitores, vai efectuar-se este ano mais um grande acampamento mundial de Caminheiros que terá por cenário a maravilhosa paisagem das montanhas suíças junto ao afamado chalé escotista internacional de Kandersteg. O acampamento realizar-se-á de 29 de Julho a 8 de Agosto e terá por divisa «AD FONTES», porque, por diversos títulos, esta será uma oportunidade para todos os caminheiros subirem até às nascentes. Viajando, excursionando, em explorações do ar livre, subirão. Subirão às nascentes das nevadas, dos glaciares, dos rios, como convida a insígnia do acampamento, um cristal de neve.

A mesma divisa inspirará as exposições e entrevistas da CONFERÊNCIA DE CAMINHEIROS e incitará os participantes a descobrir, no caminho espiritual, as nascentes do espírito «rover», o seu desenvolvimento nos diferentes países e nos diversos continentes e, pela troca de experiências, adquirir ideias novas. Cada delegação será convidada a apresentar temas para discussão e a designar os responsáveis para tomar parte nos debates. Estão previstos seis temas:

1) A Carreira do Caminheiro — Exposição sobre a sua evolução nos diferentes países: passagem de divisão, «noviciado», preparação para a investidura, investidura, e partida da divisão, etc. Debates acerca de assuntos que B.-P. não fixou ou sobre que tenha feito alusão. Não se trata de procurar uma nova doutrina, mas de afirmar as nossas posições e alargar a nossa influência. Falar-se-á sobretudo da actividade do Caminheiro.

2) O Caminheiro e a família — Além da Igreja mais ninguém se tem ocupado em preparar o jovem para o seu futuro cargo de chefe de família. Contudo, é na idade dos caminheiros mais velhos que melhor devem estar preparados para essa missão. Quais são, neste campo, as experiências adquiridas em cada país? Em que medida são elas aplicáveis a outros?

3) O Caminheiro e os deveres cívicos — A educação de cidadãos conscien-

(Conclui na 3.ª página)

O AMOR—Luz que iluminará o Mundo

(*Conclusão da 1.ª página*)

«A ausência total de amor é a máxima presença de egoísmo» — disse um notável pregador uruguaio — e é este o fosso que se abre aos pés do homem deste século. É a incapacidade de amar, de compreender as tristezas e até as alegrias do próximo, de sentir o sofrimento, o arfar doloroso daquele que a seu lado luta pela sobrevivência, que origina as maiores misérias e faz derramar lágrimas de sangue ao seu semelhante.

Mesmo nos dias sombrios da guerra, quando Marte obstinada e cegamente semeava a morte e a destruição, não foram as grandes batalhas, em que milhares de vidas tombaram, que mais horrorizaram o coração humano. É que no mais aceso da luta é ainda possível descortinar qualquer gesto de amor. O que inquietou o homem, que fez tremer a própria civilização e olhar o futuro com infinita augústia, foi o torpor com que calmamente um ser com forma humana pôde ornar o seu candeeiro com a pele curtida das suas vítimas, os montes de cadáveres banalmente empilhados às portas das câmaras de gases, os espectros humanos sujeitos insensìvelmente a morte lenta dentro do círculo de arame farpado ou ainda a maneira fria e seca como um grupo de soldados destrói obscura aldeia francesa e imperturbàvelmente chacina homens, mulheres e criancinhas inocentes. Aí não foi possível descobrir qualquer fugaz centelha de amor e por isso sentimos que a humanidade se encontrava em perigo. É esta incapacidade para amar, esta ausência completa de amor, que tornam angustiosos os nossos dias. Aspectos dessa mesma insensibilidade encontramo-los no dia a dia da nossa vida. A indiferença com que nos cruzamos com o nosso vizinho que sabemos não ter pão para mitigar a fome dos filhos, a avareza com que recompensamos aqueles que nos servem, alheios ao seu sofrimento; a rudeza com que tratamos os humildes, são tudo manifestações dessa aflitiva insensibilidade. Quando o homem perde a capacidade de amar, os mais vis sentimentos encontram campo livre para agir e são possíveis os maiores crimes sem que a consciência tenha qualquer alarme.

É neste campo que nos cumpre intervir. Precisamos de fomentar o amor, exercitá-lo, travar ardorosamente o combate com o Mal. O S. Jorge da lenda não se limitou a espiar o dragão do alto das ameias da fortaleza, mas desceu à liça em generosa defesa da princesa Virtude. Saiamos nós também. O mundo precisa do nosso exemplo de Amizade. Há semanas, em França, uma mulher ofereceu abnegadamente um dos seus próprios rins, num último recurso para salvar o filho querido. A beleza desse gesto emocionou o mundo, despertando sincero interesse por aquela vida jovem que se apagava. E assim que se anunciou que o rim enxertado não estava funcionando, deu-se o inacreditável. Pessoas estranhas, estrangeiros mesmo, inimigos de ontem, apressaram-se a oferecer os seus rins para novas tentativas operatórias. Foi inútil aquela operação, mas não foi inútil o acto sublime daquela mãe. O seu exemplo foi inspirador e provou que, apesar de tudo, o homem conserva ainda capacidade de amar.

Ouvimos há dias que num estádio de uma cidade norte-americana se reuniu recentemente um grande congresso com a presença de milhares de pessoas. O recinto estava bem iluminado, mas o presidente anunciou que as luzes iam ser apagadas, pedindo à multidão que se conservasse calma nos seus lugares. Quando a escuridão fez descer o seu negro manto sobre aquela assembleia, o presidente riscou um fósforo e perguntou, através dos microfones, se viam aquela minúscula luz. Um longo sim ecoou no estádio. Então, o presidente pediu que todos aqueles que dispunham de fósforos acendessem também um. As trevas não resistiram àquela manifestação de luz e um longo raio brilhou naquele recinto. De igual forma, se cada um de nós for capaz de virilmente empunhar o facho, se nos corações juvenis que agora despontam para a vida acendermos a luz do amor, ainda que essa luz seja débil como a luz de um fósforo, envolveremos a Terra num laço luminoso, faremos recuar as trevas do egoísmo e despertaremos para uma vida nova a consciência da humanidade que, felizmente, conserva ainda capacidade para amar, e o Amor é o supremo sentido da vida, a imagem de Deus no coração do homem.



PELOS GRUPOS

Torneio de «Pingue-Pongue»

No mês de Janeiro passado os grupos n.ºs 10, 12, 53, 94 e da Rua de Febo Moniz efectuaram um torneio de "pingue-pongue" em quatro jogos que se realizaram nas sedes dos grupos 12, 53 e 94. Ganhou o torneio o grupo 53 com 4 vitórias. Seguiram-se os grupos 12, 10 e 94, por ordem de classificação, mas com o mesmo número de vitórias.

Grupo n.º 6 — Olhão

Novos escoteiros — Em 22 de Fevereiro passado, Dia do Pensamento, prestaram Compromisso de Honra os novos escoteiros Manuel de Sousa Gil, João Vitorino Caboz e José Fernando Pereira da Graça.

Actividades de campo — A patrulha de estudo sob a direcção do Instrutor Rui Arrais e do Guia de Secção Fernando Simões realizou um exercício de pionagem em 8 de Fevereiro, tendo sido acompanhada por elementos do Grupo 77, de Faro.

Para comemorar o aniversário de B.-P. o grupo bivacou na Mata dos Eucaliptos, tendo cumprido um bem elaborado programa.

Grupo n.º 60 — Vila Real de Santo António

Em 15 de Março passado, efectuaram-se nesta Vila grandes festejos de homenagem à cidade de Aveiro, pela inauguração de um importante barco atuneiro, propriedade de uma empresa daquela praça.

Por esse motivo, visitaram esta vila algarvia muitas entidades oficiais e particularmente o sr. Comandante Henrique Tenreiro, presidente dos Escoteiros de Portugal. O Grupo n.º 60 tomou parte em todas as cerimónias oficiais aqui realizadas, tendo prestado guarda de honra às entidades oficiais e ao Presidente dos Escoteiros de Portugal.

Grupo n.º 77 — Faro

Em 9 de Janeiro passado prestaram Compromisso de Honra neste grupo os novos escoteiros Álvaro Tomás Chumbinho, José Manuel Chumbinho, Vítor Manuel Ribeiro, Manuel Filipe Aurélio, José do Carmo Coelho e António do Rosário Matos.

Esta unidade, sob a orientação do Chefe Mário José Martins e do instrutor José Azinheira Rebelo, está-se dedicando a uma actividade interessante que já deu bons resultados e imprimiu vida nova ao Grupo. Estão constituídas três patrulhas escoteiras e uma de caminheiros, respectivamente "Leão", "Galo", "Pavão" e "Luís de Camões", todas em actividade.

Grupo n.º 84 — Entroncamento

Luís Máximo de Oliveira — No dia 25 de Fevereiro último, embarcou para a África, onde vai prestar serviço na Companhia dos Caminhos de Ferro de Benguela, o escoteiro Luís Máximo de Oliveira, guia de secção deste Grupo. Os colegas da Banda do Grupo e da orquestra viram partir com saudades o seu amigo, que sempre provou ser um escoteiro leal, activo e trabalhador.

Os seus camaradas escoteiros desejam ao seu irmão-escoteiro as maiores felicidades na nova fase da sua vida, votos que o *Sempre Pronto* secunda com simpatia. —C.

(*Conclui na 8.ª página*)

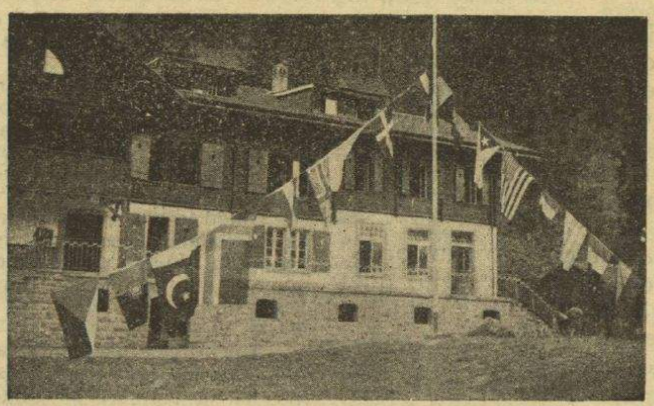
V "Rover-Moot" Mundial

(Conclusão da 1.ª página)

tes de suas responsabilidades é muitas vezes bem imperfeita; nem sempre a escola e a família se podem ocupar dela. A fim de prevenir o perigo de um gregarismo ameaçador, é preciso preparar os jovens para pensarem por eles próprios. Sobre este assunto, B.-P. mostrou-nos o caminho.— Questão de método?

4) O Caminheiro—responsável do movimento — O ideal escoteiro deve acompanhar o homem toda a sua vida. A sua influência não deve cessar ao sair da escola. A idade do caminheiro deve ser o tempo da maturidade e da construção deste ideal.

5) O Caminheiro no mundo actual— A divisão caminheira ganha mais do que



O chalé de Kandersteg, junto ao qual se deve realizar o V «Rover-moot» mundial.

nunca importância. Para o movimento escoteiro ela jamais foi tão útil. Que é que B.-P. tem para dizer aos jovens dos dias de hoje?

6) O Caminheiro, a compreensão internacional e a paz — A nossa contribuição para a compreensão internacional. Fazer a ponte, no movimento escoteiro, entre o nacionalismo e o internacionalismo. Servir, para que melhor se compreendam e se aproximem, um povo ao outro.

No círculo de *chefes caminheiros*, discutir-se-ão mais particularmente assuntos especiais, tais como:

a) *O método da formação do caminheiro*—A formação, na divisão escoteira, inspira-se nos mesmos princípios fundamentais em todos os países, enquanto variam de país para país na divisão caminheira. Será indispensável ou desejável estabelecer princípios comuns? Debate e troca de experiências.

b) *Recrutamento de caminheiros no seio do movimento ou fora dele*—Como é feita a passagem de escoteiro a caminheiro nos diferentes países? Será preciso fazer recrutamento no seio do movimento ou a passagem vale por si mesma? Quais são as experiências já adquiridas no recrutamento fora do movimento?

Cada participante no «Rover Moot» terá ocasião, nos limites da conferência de caminheiros, de tomar parte em três discussões e de ouvir o que mais lhe interessar. Conferências e discussões, que se efectuarão de preferência nos arredores de Kandersteg, devem despertar a curiosidade de cada um, porque elas contribuirão indubitàvelmente para enriquecer, chefes e caminheiros, de ideias e sugestões úteis que prestarão serviço, no momento de entrar na sua pátria.

Cada caminheiro terá ainda oportunidade de participar em duas maravilhosas excursões, cujo preço está já incluído na inscrição paga.

Um artigo da "Vida Mundial"

Este conhecido semanário que se publica em Lisboa, no seu número de 28 de Fevereiro passado, inseriu a tradução de um artigo de Jean Farran sobre o execrando massacre de Oradour e, em determinado passo do mesmo, escrevia, referindo-se às forças SS nazis:—*Mas admitindo que os cruéis «boy scouts» cascados de Oradour*... Ora este «boy scouts», lamentàvelmente enxertado no trecho, deve tratar-se de um infeliz erro de tradução. O termo inglês «boy scouts» refere-se aos rapazes membros da organização escoteira, votados ao bem e à paz, que de maneira nenhuma podiam fazer parte das cruéis hostes nazis. Além disso, os «boy scouts» foram banidos da Alemanha — como têm sido doutros países — logo que o ódio e o fervor bélico constituíram a base da educação oficial. Está, portanto, posta de parte qualquer absurda ideia de «boy scouts» nas forças nazis.

O que o artigo, escrito em francês, certamente diria era «éclaireur», soldado mandado à descoberta, batedor, nome usado também pelos escoteiros franceses. Supomos que tenha resultado daí a errada tradução de «boy scouts», talvez mesmo por escrúpulo do tradutor em usar o termo português.

Reconhecendo que se trata de um erro, nós pedimos à «Vida Mundial» para fazer a devida rectificação para esclarecimento dos seus muitos leitores.

• • o • •

Comemorações do "Dia do Escoteiro"

A Fraternal dos Antigos Escoteiros, realiza em 23 de Abril corrente, dia de S. Jorge, patrono dos Escoteiros, uma sessão cinematográfica com a exibição do filme "Sempre cabe mais um" que será comentado pelo jornalista Rolo Duarte.

O ingresso nesta sessão é facultado mediante a apresentação dos bilhetes de convite, que podem ser solicitados na sede da Fraternal, Rua de S. Paulo, 254-1.º, todas as quartas-feiras, das 21,30 às 23 h.



PROBLEMA N.º 21

Na quintarola onde o Grupo acampou, o Chefe comprou um cabaz de laranjas e incumbiu «Patatenra» de as distribuir pelas patrulhas, recomendando-lhe atenção ao receber as respectivas importâncias.

Porém, «Patatenra» cedeu a crédito a algumas patrulhas e agora não sabe ao certo quanto lhe devem duas delas.

Apenas sabe que a patrulha «Foca» lhe comprou seis dúzias de laranjas e não lhas pagou. A patrulha «Cão» comprou-lhe também a crédito — e disto lembra-se ele por coincidência — a mesma quantidade de laranjas igual ao número de escudos que lhe deve a «Foca».

A «patrulha Cão» tem ele a certeza que lhe deve 18$00.

Quer dar contas ao Chefe mas nem sabe a como vendeu as laranjas nem quanto lhe deve a «Foca», a não ser que... os nossos leitores o ajudem.

■ ■

SOLUÇÃO DO N.º 19

ADIR	QUAL	MAPA
PACA	URBE	ESTO
RARO	ERRO	SOPÉ
ALVA	NEVE	TOCA
TATE	ODOR	RIJO
ISTO	SOAR	ERMO
CAMA	FOCA	SUMO
ANTA	ANSA	
ESTO	ZELO	

Provérbio

A prática é que nos faz mestres

O Nosso Concurso

Com este problema, iniciamos a 2.ª série. Não será demais repetirmos poder qualquer dos nossos assinantes participar no nosso concurso começando em qualquer problema, bastando enviar-nos certas 20 soluções diferentes. Em comentário devemos dizer considerarmos natural acharem os nossos leitores e concorrentes esta secção monótona.

O não termos «Ciência e... paciência» será o suficiente para nos relevarem a possível monotonia.

Porém, para remediarmos o defeito, endereçamos convite a todos os nossos leitores para colaborarem nesta secção, enviando-nos alvitres problemas ou charadas originais e respectivas soluções nos quais figurarão os nomes ou pseudónimos dos autores facilitando-nos o «arejamento» da secção.

Um cantinho às vossas ordens e os nossos agradecimentos se nos aliviarem um pouco a carga, por vezes pesada demais para os nossos cinquenta e picos...

• • o • •

Imprensa Escoteira

A revista «Flor de Lis», órgão do Corpo Nacional de Escutas, cujos progressos nos últimos tempos têm sido notáveis, acaba de entrar, com o seu número duplo referente a Fevereiro e Março findos, no 28.º ano de publicação. Por tal motivo, saudamos os nossos camaradas da "Flor de Lis" felicitando-os pelos seus êxitos e expressando os nossos votos de constantes progressos.

Meditação da Páscoa

Ressuscitou verdadeiramente

Conta S. Lucas, em 24: 1-35 do seu Evangelho, como os apóstolos e demais discípulos tiveram conhecimento da ressurreição de Jesus Cristo. Transcrevemos aqui o resumo desta linda descrição, usando as mesmas palavras para não roubar a beleza e a eloquência que ela contém:

"E, entrando, não acharam o corpo do Senhor Jesus. Estando elas perplexas e atemorizadas, perguntou-lhes um anjo: "Buscais a Jesus Nazareno que foi crucificado? Já ressuscitou, como Ele havia dito; não está aqui. Porque buscais o vivente entre os mortos? Lembrai-vos como vos falou estando ainda na Galileia". E, elas, voltando do sepulcro, anunciaram estas coisas aos onze e aos demais discípulos. Mas as suas palavras lhes pareceram como desvario, e não as creram. Contudo, Pedro e João correram ao sepulcro, viram e retiraram-se admirados... e acharam congregados os onze e os que estavam com eles, os quais diziam: "Ressuscitou verdadeiramente o Senhor, e já apareceu a Simão".

As primeiras pessoas que tiveram o privilégio de verificar o que tinha acontecido foi um grupo de três piedosas mulheres que, no Domingo, de manhã cedo, foram à sepultura, levando especiarias para ungir o corpo do seu Mestre e Senhor. Porque eram muito queridas de Jesus, muito sinceras na sua fé, e muito apegadas à verdade das coisas eternas que lhes havia sido revelada, foi o próprio Deus quem lhes anunciou a grande novidade por intermédio de um anjo. E elas vieram e contaram o que tinham visto e ouvido.

Mas o assunto que estas mulheres afirmavam era tão extraordinário e surpreendente que ultrapassava a consideração e o respeito que a todos mereciam. Então Pedro e João, que eram discípulos e companheiros de Jesus, não podendo acreditar, correram ao sepulcro e convenceram-se, porque encontraram o túmulo vazio, o lenço que tinha sido posto sobre o rosto de Jesus, e o lençol que lhe servira de mortalha dobrados com cuidado, prova de que ali se havia passado um grande acontecimento em boa ordem. Viram e retiraram-se admirados. Sentiram um ambiente de santidade que os impressionou e lhes deu a certeza do que buscavam.

Os outros apóstolos e demais discípulos tiveram a confirmação do ocorrido por vários modos: ouviram o testemunho de Pedro e de Madalena a quem Jesus já tinha aparecido; a narração de dois discípulos na estrada de Emaús, aos quais Jesus se revelara depois de lhes ter demonstrado, à face das profecias, que a tragédia do Calvário tinha sido determinada por Deus; as afirmações de outros que, só agora, podiam interpretar com clareza o que Lhe tinham ouvido dizer acerca da morte. E, por fim, é o próprio Jesus que, na tarde desse dia, Se apresenta diante dos Seus apóstolos e lhes anuncia: «*Paz seja convosco!*».

Ora, são ainda hoje estes os mesmos processos pelos quais todo o homem pode ir ao encontro de Jesus e certificar-se da sua ressurreição. A uns é Deus quem dá a mensagem que convence da verdade; outros, como Tomé, querem ver o túmulo vazio, possìvelmente, o sangue e as feridas do que foi levantado entre os mortos; outros contentam-se com o testemunho e o exemplo dos que estão perto de Deus, dos que falam com Cristo e sentem a Sua presença real actuando na própria vida.

A ressurreição é, sem dúvida, o acontecimento mais extraordinário do Cristianismo, porquanto Deus, que tantas vezes tinha falado ao mundo do poder de Seu Unigénito Filho, exaltou-O em glória, para provar a falsidade das acusações que Lhe tinham feito e a verdade divina dos ensinamentos que tinha dado à humanidade.

Muitos, certamente, quereriam também entrar na sepultura vazia, como fizeram Pedro e João para fortalecer a sua fé e convencerem-se. Era um desejo muito justo se pudesse realizar-se, mas não porque seja indispensável. Depois que Jesus convidou Tomé a tocar com os dedos as chagas do peito e das mãos, disse-lhe: «*Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram*». A história está cheia de acontecimentos que se não repetem, que não pudemos ver, mas cremos neles porque outros os presenciaram.

Quando alguém pretende recordar a memória de uma pessoa querida não precisa de ir à sepultura onde foi enterrada, porque pode já estar rasa ou ter recebido o corpo de outros mortais. Processo mais prático é olhar para os objectos que lhe pertenceram e ela deixou, meditar naquilo que ela fez enquanto esteve cá na terra, na amizade e no amor que a tornou saudosa. Assim é com Cristo. Meditar na extensão da Sua obra no mundo, na Igreja que Ele fundou, nos exemplos de comu-

(*Conclui na 8.ª página*)

Agentes-Correspondentes

do «SEMPRE PRONTO»

Entroncamento

O nosso representante nesta Vila, Sr. Manuel Rosa Valério, solicitou a sua demissão por falta de tempo para bem desempenhar o seu cargo. Por esse motivo, o nosso bom amigo Sr. João Amorim, chefe do Grupo 84 daquela localidade, propôs a nomeação do Sr. Manuel Ferreira Valério, residente na Rua Sossi, que a partir de agora passa a tratar dos assuntos do nosso jornal no Entroncamento.

Agradecemos a colaboração que nos foi dispensada pelo nosso ex-correspondente e apresentamos as boas-vindas ao nosso camarada Ferreira Valério, certos de que a sua cooperação vai ser valiosa na divulgação do «Sempre Pronto».

GRUPO N.º 5

Os escoteiros do Grupo n.º 5, de Lisboa, reuniram-se num almoço de confraternização, na sua sede, para festejar o 95.º aniversário do nascimento de B.-P., com a presença de todo o efectivo e de alguns antigos escoteiros.

Antes do almoço, foi guardado um minuto de silêncio, tendo o Chefe Mário Fernandes falado sobre a figura do Fundador e um escoteiro colocado flores junto ao busto de Baden-Powell que neste grupo existe.

Aos brindes, usou da palavra o Chefe Ajudante do Grupo 13, Sr. José Lourenço, que, na sua qualidade de antigo membro do «5», lhe afirmou a sua lealdade e gratidão, salientando o orgulho que todo o Chefe deve sentir por formar escoteiros capazes de dirigir outros grupos e exortou os seus camaradas a que, se alguma vez abandonassem o seu grupo, o fizessem nas mesmas condições em que ele o fizera.



Um escoteiro do grupo 5 coloca um ramo de flores no busto de B - P.

Falou também o Sr. Artur Carmo, antigo chefe do Grupo 5, que fez o elogio do Chefe Mário Fernandes e do seu ajudante Manuel Celso, dirigindo palavras de estímulo aos escoteiros. O Chefe Mário Fernandes agradeceu as palavras amigas que lhe tinham sido endereçadas e a lealdade de todos.

Finalmente discursou o Sr. Arnaldo Silva, presidente da Direcção do Grupo Desportivo dos Tabacos, a que o grupo 5 está anexo, que, respondendo a agradecimentos ao Grupo Desportivo, disse que a Direcção a que preside estava agradecida pela maneira desinteressada e expontânea como todos os escoteiros estão sempre prontos para ajudar o «Tabacos». Acrescentou ainda que as instalações do Grupo Desportivo estavam sempre à disposição dos escoteiros. — C.

O "POW-WOW,, DO VELHO LOBO

12.ª PALESTRA

Meus Irmãos:

Chegamos ao final desta série de palestras com que há longos meses venho comentando para vós a Lei do Escoteiro, tal como B. - P. a redigiu há mais de 40 anos. Toca hoje a vez à última.

O ESCOTEIRO É LIMPO DE PENSAMENTOS, PALAVRAS E ACTOS sendo esta, talvez, a mais importante, aquela que encerra mais matéria digna de consideração. Por isso a deixou o Chefe para o fim: sendo a última, ela ficará por mais tempo a vibrar no espírito de todo aquele que tenha enumerado cada um dos artigos deste novo Decálogo, que, sinto dizer-vo-lo, muito poucos Escoteiros de Portugal têm seguido, ou procurado seguir fielmente.

Pertencemos, meus rapazes, a um povo com vícios de educação já seculares. Nos últimos anos têm-se procurado combater esses vícios, mas, porque se tem esquecido que a índole dum povo não se modifica à força de decretos, muito pouco de útil resultou dessas tentativas. Não devemos esquecer que todo o rapaz ou rapariga que recebe educação moral nas escolas, a esquece depressa em casa em contacto com um meio tantas vezes rude e grosseiro, onde se chega até a escarnecer ou a censurar abertamente as palavras do mestre, reproduzidas pela criança que as ouviu. O problema é por demais complicado e está fora do nosso campo de discussão. Aos educadores e aos legisladores compete estudá-lo em extensão e profundidade.

Aqui quero apenas chamar a vossa atenção para o facto, falando-vos ao espírito e ao coração, sem esquecer de invocar a vossa razão, pois como seres racionais deveis procurar, por todos os meios, dominar o *animal* que dorme dentro de cada um de nós.

Na escola, na oficina ou no campo de jogos vós tendes já encontrado muitas vezes outros rapazes precocemente envelhecidos, de olhar mortiço, pele esmaecida ou de cor terrosa, orelhas afiladas e quase transparentes, dentes amarelos e sujos, de andar incerto, como que arrastando os pés, curvados, de peito contraído e dorso saliente, *épaves* vivas em idades juvenis. Pessoalmente, na minha vida já longa, tenho encontrado e conheço muitos desses «jovens». Como vós deveis também conhecê-los, peço-vos que os examineis de perto, os observeis e os estudeis, e depois concluí. São eles dos tais que, muito novos, por falta de ambiente familiar adequado, por fraqueza de carácter perante um camarada mais velho que os arrastou, ou por quererem parecer homens antes de fisiològicamente o poderem ser, se deixaram cair no abismo. À porta da mocidade, esses «jovens» nunca poderão ser moços, porque são já velhos: a morte espreita-os e depressa os levará. Concordemos que não fazem cá falta nenhuma; mas concordemos também que, *se eles quisessem*, poderiam viver vida longa e ter cumprido a sua missão, com satisfação própria e dos seus semelhantes.

Os pensamentos desses rapazes começaram por ser maus: obcecava-os o mau lado da vida, sobretudo o que diz respeito ao sexo. Aquilo que tão natural se nos deve afigurar, porque é a lei da vida e sem a qual ela se não reproduzirá, isso perseguia-os constantemente, numa ânsia de prelibar prazeres que maus companheiros ou leituras indignas lhes diziam ser deliciosos. Daí à prática dos actos foi um passo que breve se deu, e ei-los caídos na indignidade, frequentando lugares suspeitos, convivendo com camaradas relaxados no vício, acamaradando com tantos outros vindos dos mais baixos recessos da sociedade, adquirindo hábitos reles e dando-se a práticas degradantes só para poderem dizer que eram homens. Homens! Homens que imitam os animais na época do cio! Pior do que isso, porque o animal cumpre a lei imposta pela Vida a todo o ser animado, findo o que segue o seu caminho, não mais se preocupando com isso; esses «jovens», pelo contrário, deleitam-se nessas práticas, buscam o prazer pelo prazer, tal como só em sociedades decadentes — e a nossa é-o em alto grau — consentem, toleram e fomentam.

A par disso, o «jovem» adquire doenças que o marcam para a vida inteira, criminoso social, sendo amanhã responsável pelas mazelas e taras que contaminarão a sua descendência. Simultâneamente será criminoso de lesa-Pátria, porque o é todo aquele que, voluntàriamente, contrai doenças que podem perturbar gravemente a prole que dele provier.

Mas há mais e pior. Enquanto degrada o seu corpo e a sua alma, o «jovem» degrada-se ainda como ser social, adquirindo hábitos, maneiras e linguagem indignos de um ser civilizado e que o põem ao nível dos seres mais baixos que pululam em certos *bas fonds* das grandes capitais.

Pois quê, meus rapazes! Vamos nós deixar-nos levar ao sabor dos instintos animais, a reboque das mais baixas solicitações, esquecendo os nossos deveres para com aqueles que amanhã nos chamarão «pai»? Porquê comprazer-se numa vida sem finalidade, frequentando casas imundas e acamaradando com gente mais imunda ainda?

Foi para obviar a tudo isto que B. - P, inscreveu na Lei o 10.º artigo: pureza de pensamentos, pureza de palavras, pureza de actos.

Que os vossos pensamentos não sejam indignos de vós, é a melhor maneira de impedir que amanhã os vossos actos o sejam. É uma questão de força de vontade — sempre ela! — dominar os seus maus pensamentos: um bom passeio, uma boa leitura, boa música ou boa companhia poderá fazer varrer para longe os maus pensamentos; boa higiene e bom regime alimentar, também contribuirão para o efeito que se pretende. Persistindo, chegareis a dominar esses maus pensamentos tão completamente, que eles nunca mais voltarão. Foi dessa forma, que por vezes revestiu aspectos de luta heróica, que muitos Santos atingiram a santidade: por exemplo Santo Antão e S. Pacómio. Direis que Santos são Santos; dir-vos-ei que Santos são Homens.

Evitai as palavras reles, a linguagem de calão, em que a gente nova de hoje tanto se compraz, e jamais praguejeis ou empregueis palavras obscenas, que parecem tanto do gosto do nosso povo, particularmente aqui no Norte. Se evitardes proferi-las, os que vos rodeiam, a pouco e pouco também se habituarão a isso; mas se o não fizerem, não hesiteis em fazer-lhes compreender que tais palavras vos ofendem, indo até ao ponto de abandonar a companhia dos que não têm outra linguagem que não seja a mais baixa. De facto, meus rapazes, é desolador ouvir até mulheres e crianças usarem de vocabulário que, noutro tempo, só se admitia aos arreeiros e aos cocheiros, a gente que então mais mal falava. Hoje, com a invasão do calão, é por vezes difícil saber a que classe pertence quem a usa, tendo-se ele generalizado ao ponto de invadir os próprios salões da sociedade «bem». É indigno dum Escoteiro praguejar ou proferir palavras mal soantes, tudo isso denotando falta de autodomínio e reclamando, portanto, exercício apropriado.

(Continua na 6.ª página)

O «POW-WOW» DO VELHO LOBO

12.ª PALESTRA

(Continuação da 3.ª página)

Vou demonstrar-vos, com dois episódios, ocorridos em épocas bastantes afastadas e em dois pontos afastados do globo, como parece fundamente arraigado no nosso povo o hábito da obscenidade. O primeiro contou-o numa das suas deliciosas crónicas o jornalista Reinaldo Ferreira, que os do meu tempo de menino e moço conheceram pelo pseudónimo célebre e popularíssimo de «Repórter X». Encontrava-se ele numa pensão ou hotel de qualquer cidade do Norte, Holanda ou Bélgica, e quando se dispunha a deitar-se, viu casualmente o papel da parede rabiscado. Isto, nesse ponto da Europa, onde os costumes são duma correcção inexcedível, deixou surpreso o jornalista, que, imediatamente, pensou de si para si: — Afinal já não somos só nós, Portugueses, quem tem o hábito detestável de escrever obscenidades pelas paredes. Por curiosidade, aproximou-se e caiu-lhe o coração aos pés: diante dele ostentava-se uma daquelas palavras mais torpes que possam encontrar-se no vocabulário do nosso povo. Fora um português que por ali passara!...

O outro episódio é-nos contado pelo jornalista Norberto de Araújo no seu belo livro *África de sangue, do oiro e da morte.* Encontrava-se o autor no salão de um hotel de Pointe Noire, no Congo Francês. Gente de várias procedências estava sentada, entrava ou saía, expressando-se nas mais variadas línguas, enquanto o dono do hotel, um branco, por detrás dum grande balcão, parecia entretido com uma operação aritmética demorada. O jornalista lia o seu jornal, em volta conversava-se, quando de repente retiniu no mais sonoro português uma daquelas palavras a que o vulgo chama «vermelhas», a denunciar um português legítimo ali no coração da África equatorial!

Estes dois episódios caracterizam perfeitamente o nosso povo, no que diz respeito ao censurável hábito de proferir ou escrever obscenidades, que, afinal, não é próprio apenas de gente chamada baixa, porque as tenho ouvido da boca de pessoas altamente cotadas, que, evidentemente, se coíbem de as empregar fora de certos meios em que elas se apreciam.

B.-P. conta que o capitão John Smith, um dos pioneiros da colonização inglesa da América do Norte, tinha por costume fazer despejar um balde de água fria pela manga dos seus homens todas as vezes que estes praguejassem ou proferissem palavras torpes. Eu preconizaria uma leve variante do castigo: despejar o balde pela cabeça do delinquente... Iria mais longe: em vez de fazer despejar a água em catadupas sobre a cabeça do homem, aconselharia antes a que toda a gente de bem lhe voltasse a cara — o desprezo seria a melhor lição que se daria àquele que não tem pejo de sujar a boca proferindo palavras reles e cuja torpitude muitas vezes, pela força do hábito, não alcança.

Como Escoteiros, vós deveis deixar de acompanhar todo aquele que usa de linguagem suja, dando-lhe a conhecer a razão por que o fazeis. Se todos os espíritos sãos assim procedessem, estou certo de que acabaria dentro em breve um costume profundamente vexatório.

Quanto aos actos, meus rapazes, lembrai-vos de que são eles que caracterizam o homem, muito mais do que as palavras. Quantos cavalheiros que como tal eram tidos demonstraram ser antes arreeiros, enquanto tantos outros de origem bem humilde se mostraram cavalheiros em muitas circunstâncias da vida. Não é preciso ter nascido em berço dourado para ser puro nos actos: basta que a alma seja pura e a razão seja recta. Os fidalgos que acompanhavam o infante D. Francico, irmão de D. João V, nas suas arruaças nocturnas na Lisboa oitocentista, eram mais reles do que tantos matulas que então pululavam nas ruas da Capital. Não é o sangue — azul ou vermelho — que distingue os homens, mas sim a educação, e esta tanto pode existir no homem do povo que se criou em ambiente propício, como no aristocrata que sabe sê-lo e honrar os pergaminhos.

Sede portanto puros nos vossos actos como na vossa linguagem, meus rapazes, porque essa pureza será o reflexo da vossa alma. Com B.-P. dir-vos-ei que «afasteis do vosso espírito tudo o que é impuro e assegurai-vos de que as vossas ideias são puras e honestas e que o vosso sentimento do dever é tão elevado que o ridículo e a zombaria nada são para vós».

Meditai nestas palavras e procurai ser Escoteiros íntegrais, jamais comprazendo com a sociedade no que ela tem de mau, mas também trabalhando *activamente* para a sua completa reforma. A índole dum povo não pode modificar-se se esse povo o não quiser. Ora eu estou convencido de que *vós quereis* contribuir para corrigir os maus hábitos e os aspectos inferiores da índole dos Portugueses, primeiro dando o exemplo, com serenidade e sem alardes, com a naturalidade que pondes nos actos mais triviais da vossa vida; depois, ensinando aqueles que prevaricam; enfim, amanhã como pais, educando os vossos filhos nos princípios do Escotismo, que, se TODOS os Escoteiros tivessem querido, teriam já mudado a face do Mundo. Se os rapazes de 1908 tivessem levado TODOS para a vida vivos aqueles princípios que B.-P. abnegadamente pregou e exemplificou, não se teria evitado a 1.ª Grande Guerra — era cedo de mais —, mas evitar-se-ia *forçosamente* a segunda, porque a força dos princípios é tudo. Deixaram, porém, corromper esses princípios à luz de ideologias de morte, e daí resultou a hecatombe.

* * *

Meus rapazes, meus Irmãos: forçoso é terminar. Durante meses, neste canto obscuro, comentei para vós a Lei, procurando chamar a vossa atenção para a essência desses princípios admiráveis nela encerrados. Escutastes-me atentamente, mas talvez me não tenhais compreendido por completo. Eu venho da primeira geração dos Escoteiros de Portugal, daquela que, quando se disparavam os primeiros tiros da 1.ª Grande Guerra, vestia com orgulho pela primeira vez a sua farda. Venho dos tempos heróicos do Escotismo em Portugal. Como isso já vai longe!... Outras gerações chegaram à vida. Outras, que então não eram nascidas, entraram a palmilhar a longa estrada, na «senda da guerra». Mas para as gerações novas, para a vossa, para aquelas que não viveram as horas luminosas do nascimento e progresso do Escotismo português, somos incompreendidos. E somo-lo — ai de nós! — porque no nosso tempo de rapazes *ainda se acreditava no Homem.* Outros ideais atraíram os novos, e o Escotismo passou a considerar-se uma «infantilidade», própria só de crianças, mas não já das crianças deste meado do século.

Há, pois, que refazer toda a obra, com o mesmo entusiasmo, com a mesma esperança ansiosa de então. Os «Velhos» estão já velhos, mas nos seus, nos nossos corações arde a mesma chama que ardeu no passado e jamais se extinguirá, porque ONCE A

(Conclui na 7.ª página)

D. Cristóvão da Gama, jovem guerreiro português, valente e denodado

(Continuação do número anterior)

Continuou o internamento em território abexim e aconteceu, por fim, penetrarem os portugueses nos domínios do rei de Zeilá, um dos mais implacáveis inimigos do Preste. O terrível Granhe, assim se chamava o rebelde, quis, porém, obstar ao recontro com o tão reduzido grupo dos portugueses e enviou-lhes um parlamentário propondo-lhes a retirada das suas terras ou a total submissão ao seu poder. D. Cristóvão ripostou ousadamente, convidando o poderoso soberano a desamparar aquelas terras do Preste, não fossem os portugueses obrigados pela força a expulsar a sua péssima gente. Juntamente, enviava ao inimigo uns ultrajantes presentes.

A batalha feriu-se mais tarde. As hostes negras contavam mais de 15 mil homens, ao passo que do lado dos cristãos não havia mais de 350 portugueses, auxiliados por 200 naturais. Os lusos bateram-se bravamente. D. Cristóvão ia a todos os lados onde a luta se encarniçava, dando exemplo e instigando os mais quebrantados. Recebeu um ferimento mas a rusga desfez-se em favor dos portugueses quando o Granhe, por sua vez, foi ferido também, numa perna, o que lhe fez perder a montada.

O rescaldo da refrega deu como resultado uma quantidade de portugueses feridos. A rainha-mãe, provando que também poderia ser útil, improvisou um hospital de sangue e aí, rasgando os seus véus e toucas, aplicava ligaduras. D. Cristóvão, em virtude do cirurgião do exército não poder desempenhar-se das suas funções por estar ferido, tratava dos feridos, acabando, por fim, por se curar a ele próprio.

Uma semana depois, novas hostilidades se suscitaram entre os dois adversários e, de novo, quando os portugueses estavam prestes a ser esmagados, pelo número avassalador dos inimigos, a golpes de audácia e de valentia, conseguiram virar a vitória a seu favor e pôr o negro em debandada.

Durante as tréguas que se seguiram, o capitão português expediu uma mensagem ao imperador, dizendo-lhe que se apressasse porque tinha o caminho aberto e era necessário juntar as duas forças para bem poderem resistir ao Granhe, o qual ia receber um importante reforço de turcos.

Entrementes, a coberto da noite, conduziu D. Cristóvão um astucioso assalto, que foi coroado de completo êxito, a certo sector da *amba* de Vati, com o fim não só de apresar cavalos que ali havia, como do desimpedir o caminho ao Négus que por essa *amba* teria de passar. No regresso, o comandante português, receoso pela sorte dos seus subordinados que tinham ficado no arraial, entregou as montadas, que tinham apresado, a trinta portugueses e regressou a mata-cavalos ao acampamento.

Coincidindo com a chegada de D. Cristóvão, decidiu-se o senhor de Zeilá a atacar. D. Cristóvão tinha agora de se haver com outro factor adverso: o reforço dos turcos que, além de atiradores experimentados, contavam também com algumas bombardas.

Vendo o inimigo aprestar-se para o combate, o valoroso capitão despediu um corredor a dizer aos portugueses que conduziam os cavalos que se adiantassem quanto possível. No entanto, os mouros começavam o ataque. D. Cristóvão, examinando a situação, compreendeu que os portugueses só poderiam alcançar o êxito, aproveitando-se do ímpeto inicial que destroçasse o inimigo. Segundo esta determinação, os portugueses carregaram com fúria e a acção parecia que ia ser bem sucedida; porém, na retirada, as baixas foram de vulto, o mesmo acontecendo nas várias vezes em que o ataque foi repetido. Isto quebrou o ânimo da nossa coluna e, embora D. Cristóvão desse o exemplo, combatendo com denodo e dureza, os portugueses começaram a perder terreno. O bravo comandante foi ferido gravemente num braço, que ficou fracturado, mas mesmo assim não afrouxou nos seus esforços. A situação tornava-se desesperada. Dos cinco capitães, só um não tinha sido morto. O Patriarca foi o primeiro a pôr-se a salvo e daí a pouco muitos foram os que fizeram o mesmo. O bravo D. Cristóvão considerava desprimoroso fugir ao inimigo e queria morrer combatendo, apesar da insistência com que os seus homens lhe apresentavam aquele alvitre, dado que o número de inimigos era verdadeiramente esmagador. Só ao fim de muito tempo é que D. Cristóvão aquiesceu, embora contrariado. Estava inconsolável quando o levaram para um bosque na vertente da serra, onde procuraram abrigo. A perda da bandeira que lhe fora entregue pelo seu irmão era para ele um golpe profundo. As lágrimas que provocavam as dores do braço misturavam-se com as do amargor da derrota. Queria morrer, já que fora atingido por tal opróbrio. Quando os seus companheiros se dispunham a partir, foi peremptório: Que seguissem todos, mas ele dali já não arrancava. Queria morrer.

Ora aconteceu que uma velha, fugindo à moirama que a perseguia, foi mesmo acoitar-se no sítio onde D. Cristóvão e os seus estavam acolhidos. Quando todos se consideravam escapos ao inimigo, este acontecimento veio complicar a situação. Os portugueses procuraram a salvação na fuga, mas D. Cristóvão deixou-se aprisionar, no meio do gáudio dos sequazes do Granhe que logo o reconheceram.

E foi o fim do jovem combatente. Sujeito aos maiores suplícios e vexames, mas sempre continuando a dar provas de uma valentia e de um estoicismo invulgares, D. Cristóvão tudo suportou com resignação e sem quebra de ânimo. Segundo Gaspar Correia, o valente fidalgo foi degolado e enterrado junto de um cão, sob um monte de

(Conclui na 8.ª página)

O «POW-WOW» DO VELHO LOBO

(Conclusão da 6.ª página)

SCOUT, ALWAYS A SCOUT. (*) Vós sois os continuadores desses que no passado orgulhosamente vestiram o uniforme dos pequeninos estafetas de Mafeking, e ainda hoje o envergariam se fossem chamados às fileiras. Podeis vós refazer a obra esquecida? Quereis vós fazê-lo? A juventude, dizem, é sempre generosa; por isso eu creio em vós. O simples facto de estardes aqui a ouvir-me diz-me que vós tendes dentro de vós a mesma chama, embora ardendo baixa. É preciso reavivá-la. E se para isso precisais do auxílio dos «velhos», eles aqui estão para vos amparar, aconselhar e seguir.

Ide, pois. E que nesta hora da despedida, que espero não seja definitiva, que vos acompanhem as bênçãos dessas almas generosas de Escoteiros que tombaram no caminho, como as dos que, ainda vivos, não desertaram do seu pôsto pactuando com as novidades e os princípios do anti-Homem.

Boa caça, camaradas!

O Velho Lobo Negro do Norte
E. C. D.

(*) Uma vez escoteiro, escoteiro para sempre.

Ressuscitou verdadeiramente

(*Conclusão da 4.ª página*)

nhão constante que teve com o Pai, na santidade e no amor de que deu provas, é sentir na alma a Sua presença porque Ele vive, e vive para sempre.

O túmulo vazio é apenas um símbolo da ressurreição, uma marca na terra da sua passagem para o céu. Quando se explica a um aluno qualquer num quadro preto, o que se pretende não é fazê-lo admirar os traços a giz, mas ajudá-lo a raciocinar de modo que se compreenda com a inteligência aquilo que até ali lhe era obscuro. Assim é também o túmulo vazio, um traço cavado na terra para guiar o crente a ver, em espírito, com os olhos da fé, os mistérios divinos que a ressurreição de Cristo proclama a todo o mundo.

Dois escoteiros abriam um buraco no seu acampamento quando encontraram um osso de esqueleto humano. Disse um deles: «Neste lugar onde agora nos divertimos alguém já sofreu agonias de morte; aqui está a marca desse sofrimento». O outro, mirando bem o trágico achado, disse: «Pouco importa a dor que o atormentou porque foi passageira e já a não sente. Interessam mais os pensamentos que ele teve e procurou realizar, as ambições que o guiaram na vida se foram boas, o que tirou do seu coração para repartir com os outros antes de entrar no mundo que nos espera também». Este escoteiro tinha mentalidade de sábio e a visão de um crente. E ambos ressuscitaram em espírito alguém, que estava morto, esquecido. Mas Deus ressuscita de uma maneira mais real, como fez a seu amado Filho. Por isso os apóstolos e discípulos clamaram: «*Verdadeiramente ressuscitou o Senhor!*».

M. Conceição Jr.

PELOS GRUPOS

(*Conclusão da 2.ª página*)

GRUPO N.º 1

Esta unidade dos Escoteiros de Portugal comemorou no domingo, dia 12 de Abril corrente, o 41.º aniversário da sua fundação, efectuando em intimidade um chá de confraternização com a presença dos seus escoteiros, famílias e dirigentes, e ainda do Chefe e Escoteiros do grupo vizinho, o n.º 10.

O chá foi servido pelas Guias do grupo da Igreja Presbiteriana de Lisboa, tendo usado da palavra o Sr. Aquilino Casasnovas, em nome da Direcção da A. C. M. e o Chefe Ferreira da Silva que agradeceu a presença das famílias dos escoteiros, do representante da direcção da A. C. M., do chefe Samuel Vieira e escoteiros do grupo 10, bem como a colaboração gentil da Chefe e Guias do grupo em organização.

GRUPO N.º 10

Este grupo comemora no dia 25 de Abril corrente — Dia do Escoteiro — o seu primeiro aniversário, com um chá efectuado na sua sede e dedicado aos escoteiros, suas famílias, e às madrinhas dos escoteiros, cooperadoras dedicadas do grupo.

O chá será servido pelo grupo de guias anexo, como o grupo 10, à Igreja Presbiteriana da rua de S. Bento, n.º 656, e o escoteiro João António de Sousa fará uma palestra sobre S. Jorge.

No dia 3 de Maio próximo, às 16 horas, realizar-se-á no salão daquela igreja uma sessão solene comemorativa do aniversário, que será presidida pelo pastor Dr. Manuel Conceição Jr. e fará uma palestra o antigo escoteiro Rev. Latham Wright. Farão a promessa novos escoteiros e serão entregues insígnias de classe.

O «SEMPRE PRONTO»
vende-se na Tabacaria Boa-Hora
Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA

Uma iniciativa do «Sempre Pronto»

O "Sempre Pronto" vai promover um concurso fotográfico

O «Sempre Pronto», no desejo de proporcionar aos seus leitores e amigos sempre novos motivos de interesse, vai promover um concurso fotográfico, para o qual vai instituir diversos prémios.

A este concurso poderão concorrer todos os artistas amadores com produções do formato 18x24, focando qualquer dos seguintes temas:

a) Motivo escotista
b) Técnica escotista
c) Paisagem e outras manifestações da natureza.

No próximo número publicaremos o regulamento deste concurso e, desde já, convidamos todos os nossos prezados camaradas escoteiros e outros amigos a prepararem as suas objectivas para que esta iniciativa redunde em completo êxito.

Os novos uniformes

Já foi comunicado oficialmente a alteração dos uniformes escoteiros, confirmando o que no último número dissemos, excepção feita à camisa que passará a ser de flanela cor «verde azeitona».

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Eng.º Jorge Pereira Jardim

No dia 24 de Março findo, na companhia de sua Esposa e filhos, partiu de avião para a cidade da Beira, na província ultramarina de Moçambique, o nosso estimado amigo Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim, ex-presidente dos Escoteiros de Portugal, que fixou ali a sua residência.

Todos os que trabalham no «Sempre Pronto» formulam votos de felicidade e bem-estar ao sr. Eng.º Jardim a sua Esposa e filhos.

Revista «AR LIVRE»

Esta interessante revista de Campismo, que se publica em Lisboa, começou a inserir no seu número de Fevereiro-Março uma página dedicada aos Escoteiros de Portugal, dirigida pelo nosso caro amigo e camarada Sr. José Manuel Miranda de Melo.

Nesta sua primeira página a revista «Ar Livre» teve a amabilidade de se referir ao «Sempre Pronto» e de nos enviar saudações e votos de longa vida, votos que agradecemos e retribuímos com simpatia.

Comemorações do «9 de Abril»

Comemorando o 35.º aniversário da batalha de La Lys, realizaram-se em Lisboa e na Batalha diversas cerimónias promovidas pela Liga dos Combatentes da Grande Guerra, às quais se associaram a União dos Inválidos de Guerra, as Escolas Naval e do Exército, Casa Pia de Lisboa e Escoteiros de Portugal.

O Grupo n.º 93 de Escoteiros de Portugal, de Sintra, voltou a realizar este ano a estafeta ciclista à Batalha. No dia 8, de manhã, em presença das entidades oficiais e de muito povo, partiu de junto do Monumento aos Mortos da Grande Guerra a patrulha ciclista constituída pelos escoteiros Luís Filipe de Oliveira, José Luís Mendes e Mário da Silva Rego, que chegaram à Batalha ao princípio da tarde, tendo tomado parte nas cerimónias ali efectuadas e deposto junto ao túmulo do Soldado Desconhecido uma bilha de azeite, com o feitio de uma barraca tipo canadiana.

Esta homenagem foi patrocinada pelo Município de Sintra, que ao Escotismo tem dedicado, desde que o Grupo 93 foi fundado, a maior simpatia. O azeite foi oferecido pelo comércio da Vila.

D. Cristóvão da Gama

(*Conclusão da 7.ª página*)

pedras. Outro testemunho afirma que foi mandado esquartejar e os pedaços do seu corpo, constituídos em troféus, foram entregues aos governadores de Adem, Zebide e Cairo.

Com a morte de D. Cristóvão não terminou a campanha da Etiópia. O resto dos portugueses juntou-se ao reduzido exército do Preste e conseguiram destroçar os príncipes rebeldes.

D. Cristóvão simboliza bem o génio aventureiro dos portugueses do seu tempo que, à custa dos maiores sacrifícios, conseguiram levar aos quatro cantos do mundo o pavilhão de Portugal, prestigiando-o com a galhardia dos seus feitos.

Joel Ribeiro